

É preciso vir outro Cristo...

“É muito difícil convencer as pessoas a pensar sobre a realidade de um modo diferente, se elas não são capazes de percebê-la, ou se já possuem uma opinião formada”. (Dr. SAM PARNIA)

Sinceramente, nunca entendemos a crença de que Jesus tenha vindo somente para oferecer a si mesmo, visando expiar os pecados da humanidade. Se tomam-no como o próprio Deus, aí sim, a coisa se complica mais ainda: Deus desce do “céu”, encarna como Jesus, oferece a si mesmo para expiação dos pecados de pessoas que nem aí estão para isso, principalmente os que nasceram depois de sua vinda.

Não temos como pensar sobre a morte de Jesus senão por motivos ou questões políticas e não para pagar (ou “apagar”) pecado de ninguém; tanto é que a crucificação era uma penalidade que fazia parte da legislação romana. Se a pena fosse imposta pelos judeus, seria, por força da lógica, por apedrejamento.

Considerando que em Hebreus se afirma que a morte de Jesus *“nos livrou das faltas cometidas durante a primeira aliança”* (9,15), então, a conclusão é óbvia: é preciso vir outro Cristo para morrer pelos pecados cometidos pela humanidade desde a morte de Jesus até o momento do sacrifício desse outro Cristo que virá, e assim por diante, num círculo vicioso e sem fim.

Um defensor da ideia, sugeriu-nos ler os versículos 24,25 e 26 desse capítulo. Pois bem, vamos lá, caro leitor:

Hebreus 9,25-26: *“De fato, Cristo não entrou num santuário feito por mãos humanas, figura do verdadeiro santuário; ele entrou no próprio céu, a fim de apresentar-se agora diante de Deus em nosso favor. Ele não teve que se oferecer muitas vezes, como o sumo sacerdote que todos os anos entra no santuário com sangue que não é seu. Se assim fosse, ele deveria ter sofrido muitas vezes desde a criação do mundo. Entretanto, ele se manifestou uma vez por todas no fim dos tempos, abolindo o pecado pelo sacrifício de si mesmo.”*

Interessante é que ainda não havíamos atentado para um detalhe importante desse trecho, qual seja: “ele se manifestou uma vez por todas no fim dos tempos” (3 vezes). Em outras traduções bíblicas se lê: “na consumação dos séculos” (4 vezes); “na terminação dos sistemas das coisas”; “no fim dos séculos” (2 vezes); “na plenitude dos tempos”; “quando os tempos estão chegando ao fim”; “no final dos

tempos”; “ao final dos tempos”; “na plenitude dos tempos”; e “ao se cumprirem os tempos” (2 vezes).

A experiência tem-nos demonstrado que todas as vezes que ocorre uma variação significativa nas traduções bíblicas, por detrás desse expediente está, nitidamente, a intenção de esconder alguma coisa. Mas, afinal, o que querem esconder de nós? É o que explicaremos.

Paulo vai nos ajudar a entender. Ele pensava que em sua época já estavam vivendo o “fim dos tempos”, no qual Deus julgaria a todos, determinando o local para onde iriam. Seu pensamento pode ser constatado nesses passos:

1 Coríntios 10,11: *“Tais coisas aconteceram a eles como exemplo, e foram escritas para nossa instrução, a nós que vivemos no fim dos tempos.”*

1 Tessalonicenses 4,16-17: *“De fato, a uma ordem, à voz do arcanjo e ao som da trombeta divina, o próprio Senhor descera do céu. Então os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois nós, os vivos, que estivermos ainda na terra, seremos arrebatados junto com eles para as nuvens, ao encontro do Senhor nos ares. E então estaremos para sempre com o Senhor.”*

Nessa última passagem fica claro que o “fim dos tempos” para ele havia chegado; tanto é que disse que os vivos seriam arrebatados, para que fossem julgados junto com os mortos ressuscitados.

Em Pedro também vemos esse pensamento: *“Ele [Jesus] era conhecido antes da fundação do mundo, mas foi manifestado no fim dos tempos por causa de vocês.”* (1 Pedro 1,20)

João é outro que pensava dessa forma, conforme se vê no início e no final do Apocalipse, onde ele, textualmente, afirma que *“o tempo está próximo”*. (Apocalipse 1,3 e 22,10)

Ao que tudo indica, até mesmo Jesus se referiu a isso, quando disse *“Eu garanto a vocês: tudo isso vai acontecer antes que morra esta geração que agora vive.”* (Mateus 24,34). Vejamos o texto um pouco antes, para melhor entendimento:

Mateus 24,29-33: *“Logo após a aflição daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não brilhará mais, as estrelas cairão do céu e os poderes do espaço serão abalados. Então aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem, e todos os povos da terra baterão no peito e verão o Filho do homem aparecer sobre as nuvens*

do céu com a plenitude do poder e grande glória. E enviará os seus anjos com uma trombeta retumbante, a cujo sinal se reunirão os eleitos dos quatro cantos da terra, de uma extremidade à outra dos céus. Aprendei a comparação tirada da figueira: quando seus ramos se tornam tenros e brotam as folhas, reconheceis que o verão está próximo. Do mesmo modo, quando virdes todas estas coisas, reconhecei que o Filho do homem está próximo, junto à vossa porta.”

Segue-se a isso o trecho que dá conta do que ocorrerá a esta geração que agora vive.

Agora sim, dá para entender o que o autor de Hebreus estava querendo dizer; especialmente se vermos também o que ele havia dito anteriormente: *“No período final em que estamos [...]”* (Hebreus 1,2). Como esse autor julgava já estarem no fim dos tempos, a morte de Jesus “apagaria os pecados da humanidade, acontecidos na primeira aliança. A nova aliança vinda por Jesus era perfeita e definitiva; não precisava de mais sacrifícios, já que tudo, dentro em pouco, estaria acabado.

Portanto, concluímos que o texto não nos permite acreditar que o “sacrifício” de Jesus cobre todos os nossos pecados, a partir de sua morte até o fim dos tempos; claro, que entendido como “fim dos tempos” algo a acontecer num futuro longínquo, como querem dar a entender os partidários da morte vicária.

Então, como o “fim dos tempos” não aconteceu, e de acordo com a ritualística dos judeus, os sacrifícios para expiação dos pecados só ocorriam pelos já cometidos, e nunca para pecados futuros, até mesmo por falta de lógica, razão pela qual “É preciso vir outro Cristo...”

Paulo da Silva Neto Sobrinho
mai/2016.

Artigo publicado:

revista Espiritismo & Ciência Especial nº 86. São Paulo: Mythos Editora, jul/2016, p. 40-43